

RESENHA DE LIVROS

JUVENTUDE NAS SOMBRAS

Texto cedido pela Editora Lamparina

Simone, 28 anos, ex-catadora de lixo, trabalha numa fábrica de couro em Jardim Gramacho; ela sonha retomar o contato com as filhas do primeiro casamento e voltar a estudar para ser enfermeira. Sidney, 22 anos, cantor e compositor de *funk*, pai de três filhas, auxiliar de serviços gerais em um *shopping* de Niterói e aluno do Ensino Médio, almeja reconhecimento na música. Tomás, 22 anos, estudante universitário de Geografia e “embaixador do rei” na Igreja Batista nos fins de semana, gosta de tirar fotografias em busca de ampliar suas possibilidades. Essas e outras histórias fazem parte de *Juventude nas sombras*, fruto de cuidadosa pesquisa de campo empreendida no Jardim Catarina, bairro de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. O processo investigativo cria uma cartografia do lugar, dos corpos e das relações. Denise Cordeiro segue o caminho de *flâneur* para trazer à tona percursos labirínticos traçados por jovens pobres e com escolarização precária e também por antigos moradores, como dona Georgina, 52 anos. Trata-se de um texto que tem na observação seu método, sua matéria e seu maior trunfo. Ao investigar as vidas dos entrevistados, a autora percebeu como o descaso do poder público com seus habitantes reflete-se na falta de estrutura do local — saneamento básico, transporte, segurança, educação. A vontade de estudar dos jovens do Catarina esbarra na crise da escola pública diante de processos de es-

colarização precários, além de problemas como o tráfico de drogas, a violência policial e a necessidade de inserção cada vez mais precoce no mercado de trabalho. Contra as adversidades, porém, há potências de vida, esperanças, expectativas e sonhos, registrados com apuro nas palavras nômades que compõem este livro. “Para compreender os jovens do Jardim Catarina, do Catarina, preciso superar o olhar li-

near e positivista da lógica formal que trata o jovem como um rótulo social, por exemplo, ao qualificá-lo como ‘delinquente’. Nessa ótica, enclausura-se a percepção e impõem-se certezas e modelos de enquadramento acerca da experiência juvenil. Mas o contato com o bairro e a proximidade das vidas juvenis encarnadas em planos e perspectivas distintas logo desfazem essa lógica”, diz a autora.

